

GESTÃO, GÊNERO E PRECONCEITO: as experiências e desafios vivenciadas por mulheres na atual gestão pública de Santana do Livramento/RS

Laura Pereira da Costa
Prof^a Gabriela Cappellari

Resumo: Ao longo dos anos, a sociedade vem se transformando, evidenciando que a representatividade feminina na política é essencial, até mesmo para a concessão de direitos para as próprias mulheres. Contudo, o caminho até o fim da desigualdade ainda é longo, a participação feminina em cargos públicos ainda é baixa comparada a participação masculina, cenário que é de fácil constatação no município de Santana do Livramento/RS onde a maioria da população é composta por mulheres, mas mesmo assim a cidade nunca teve uma mulher ocupando o cargo de prefeita. O objetivo desta pesquisa é averiguar quais são os desafios e adversidades enfrentados pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na gestão pública municipal de Santana do Livramento, por meio de relatos das experiências vividas por mulheres em cargos de liderança no município. A pesquisa se classifica como de natureza aplicada e de abordagem qualitativa. Já em relação aos objetivos, se caracteriza como exploratória. Para a coleta de dados primários utilizou-se de entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas 4 mulheres. Para analisar e interpretar os dados utilizou-se a técnica interpretativa. As formas de ingresso das entrevistadas em seus respectivos cargos se deram de maneiras diferentes, duas delas por indicação e as outras duas por disputa eleitoral. Neste sentido, as mesmas apontam desafios no ingresso de cargos políticos como a “mancha” na política causada pela corrupção. Os dados revelaram que quanto a divisão do poder na gestão municipal o gênero masculino é predominante, representando 85% no comando das secretarias e 88% no poder legislativo. O gênero masculino não é predominante apenas nos cargos de poder, os dados apresentados revelam que dentro das secretarias municipais os homens também são maioria. As entrevistas descreveram diversos tipos de desafios que sofreram e sofrem para se manterem em cargos de liderança, uma delas cita que teve que recorrer à justiça para poder exercer seu cargo, pois foi afastada do mesmo. O relato de outra entrevistada sobre o preconceito que sofreu por escolhas pessoais, evidencia que este é outro obstáculo que estas mulheres precisam superar. Os dados sugerem que cada uma das entrevistadas tem seu próprio modo de ver e encarar os desafios, algumas por possuírem um histórico de militância preferem lutar contra estes obstáculos, já outras cobrem os olhos com a fé e optam por não enxergar o que ocorre em sua volta.

Palavras-chave: Mulheres; Gestão Pública; Desafios.

Abstract: Over the years society has been changing, showing that female representation in politics is essential, even for their own granting of rights. However, the journey the end of inequality is long, female participation in public office is low compared to male participation, something that is comm to see in the city of Santana do Livramento/RS where the majority of the population is made up of women, and the city has never had a woman in the post of mayor. The objective of this research is to find out what are the challenges and adversities faced by women in entering and occupying positions in the public administration of Santana do Livramento, through reports of the experiences lived by women in leadership positions in the city. The research is classified as applied nature and qualitative approach. Regarding the objectives, it is characterized as exploratory and descriptive. For primary data collection, a semi-structured interview was used. Four women were interviewed. To the analysis and interpretation of the data we used the narrative technique. The forms of entry of the interviewees in their respective positions occurred in different ways, two of them by

appointment and the other two by electoral dispute. In this sense, they point out difficulties in entering political positions as a “spot” in politics caused by corruption. The data revealed that regarding the division of power in city’s management the male gender is predominant, representing 85% in the command of the secretariats and 88% in the legislative power. The male gender is not predominant only in positions of power, the data presented reveal that within the city departments men are also majority. The interviews described many types of difficulties that they suffered and suffer to remain in leadership positions, one of them mentions that she had to resort to justice to be able to exercise her position, because she was removed from it. Another interviewee's account of the prejudice she suffered for personal choices shows that this is another obstacle these women need to overcome. The data suggest that each interview has its own way of seeing and facing difficulties, some with a history of activism prefer to fight against these obstacles, others cover their eyes with faith and pretend not to see what happens around them.

Keywords: Women; Public Management; Difficulties

1.INTRODUÇÃO

Não é de hoje que as mulheres vêm conquistando seu espaço na sociedade, reivindicando seus direitos, lutando por igualdade, seja nos salários, nos cargos ou no respeito social e profissional (SILVA, 2017). Quando se trata do mercado de trabalho, a mulher é acompanhada pela discriminação, além da desigualdade da qualidade de cargos e de ainda receber salários inferiores (CORRÊA; CZARNESKI; CERQUEIRA, 2016).

Na concepção de Silva (2017), muitas vezes as mulheres são vistas como “sexo frágil” pela sociedade, mas pelo fato de não se enxergarem desta maneira, este estereótipo não as impede de tomar decisões quando necessário. O desejo das mulheres de mudarem o cenário de discriminação em suas trajetórias pessoais e profissionais deu início ao conceito de empoderamento feminino. No entendimento de Lisboa (2008), o empoderamento feminino surge como reconhecimento e valorização das mulheres, implicando radicalmente na estrutura que reproduz a mulher como submissa.

O termo empoderamento chama atenção para a palavra “poder” e conceito de poder em uma relação social, onde na ciência política geralmente está ligada ao Estado, em uma relação de opressão, dominação e autoritarismo. No entanto, sob o ponto de vista do movimento feminista pode ser fonte de emancipação e resistência (LISBOA, 2008).

À medida que a sociedade foi se transformando, a representatividade feminina em órgãos do governo se tornou essencial para impulsionar pautas do interesse das mulheres (FIRMINO; SILVA; VIANA, 2015). Sob a mesma perspectiva, Couto (2012) destaca que a política era um espaço quase que exclusivamente masculino, o que se somou ao atraso na concessão dos direitos políticos das mulheres, causando um desequilíbrio na atuação política das mesmas.

Conforme o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (2013), a primeira mulher a ser eleita foi Luzia Alzira Teixeira Soriano, em 1928, que com 60% dos votos foi eleita Prefeita de Lajes, cidade no interior do Rio Grande do Norte (RN). Ela não foi só a primeira mulher a assumir o governo de uma cidade no Brasil, mas em toda América Latina. O mais interessante no governo de Alzira é que ela foi eleita por homens, já que as mulheres só adquiriram direito ao voto anos mais tarde, em 24 de fevereiro de 1932.

Já a primeira mulher a governar um estado foi Iolanda Fleming, que havia sido eleita como vice-governadora do Acre em 1982, mas com a saída do seu titular para disputa ao Senado, acabou assumindo o governo do estado de 1986 a 1987. Ainda, com a necessidade de defender seus interesses em 1983 foram criados os primeiros conselhos estaduais da condição feminina, em São Paulo (SP) e Minas Gerais (MG), com o intuito de elaborar políticas públicas voltadas para as mulheres (TSE, 2013).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017), em 1997 as mulheres ocupavam 9% das cadeiras da Câmara dos Deputados, percentual semelhante ao Senado e Câmaras municipais. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018 as mulheres passaram a representar 52% do total de 115.933.451 eleitores (TSE, 2018) e 290 candidatas mulheres foram eleitas, o que corresponde a 16,20% do total de eleitos (TSE, 2019). Uma das maiores conquistas de uma mulher na política ocorreu em 2010, quando Dilma Rousseff se elegeu Presidente do Brasil em segundo turno com 56,05% dos votos, se tornando a primeira chefe de estado mulher do país.

Todavia, em meio a tantas conquistas importantes, também existem perdas irreparáveis na história de luta das mulheres pelo seu espaço, como o assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL) em 2018. A vereadora da Câmara do Rio de Janeiro (RJ), foi presidente da Comissão da Mulher na Câmara e lutava para que as mulheres tivessem seus direitos garantidos e sua voz ouvida. Marielle foi assassinada em um atentado onde foram disparados 13 tiros contra seu carro, matando ela e seu motorista. Marielle é parte importante da luta das mulheres e quando uma mulher com essa representatividade é morta, um pouco dessa luta morre também, sendo assim é de grande relevância que Marielle esteja presente neste trabalho (MARIELLE FRANCO, 2019).

Nas últimas três décadas as mulheres dobraram sua participação profissional, mas muitas vezes ainda tem que enfrentar dificuldades impostas pelo mercado de trabalho, como diferença salarial e uma cultura machista. Além de outras restrições diretamente ligadas ao sexo, como exigência de exame de gravidez para contratação, assédio sexual, discriminação na oferta de emprego em relação a mulheres casadas, dentre outras (KURZAWA, 2003).

Mesmo não havendo uma mudança na mentalidade social que reconheça homens e mulheres com as mesmas condições e direitos, as mulheres vêm se apropriando de cargos historicamente ocupados por homens (PAULA, 2013). Contudo, uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizada por Abreu e Meirelles (2012), mostra que a participação feminina em cargos públicos ainda é baixa, comparada a participação masculina.

Florentino (2018) destaca que o Brasil está desde a década de 1940 com a taxa de aproximadamente 10 pontos percentuais a menos que a média global no *ranking* internacional de representatividade feminina. Já em 2019, tendo em vista as eleições de 2018, as mulheres ocupam cerca de 15% das duas casas legislativas, e mesmo 5 pontos a mais do que a legislação anterior, o Brasil continua no rodapé do *ranking* mundial de presença feminina no parlamento, estando em 156ª posição na lista de 190 países (MONTESANTI, 2018). De acordo com a regra criada em 2009, 30% das candidaturas legislativas devem ser de mulheres. Em contrapartida, no ano de 2016, 1 em cada 8 candidatas não receberam nenhum voto, o que pode ser indício de fraude. Sugere-se, assim, que os partidos só registram a candidatura de algumas mulheres para preencherem a cota (SANTOS, 2017).

Numa matéria escrita por Samuel (2018) no jornal gaúcho Correio do Povo destaca-se que o Rio Grande do Sul (RS) é o segundo estado com menor percentual de prefeitas mulheres, ficando atrás somente do Espírito Santo. Dos 497 municípios gaúchos, apenas 34 são governados por mulheres, cerca de 6,8%. Assim sendo, entende-se que podem existir vários obstáculos que dificultam o acesso das mulheres a cargos de liderança.

Santana do Livramento, por sua vez, cidade localizada na região oeste do Rio Grande do Sul (RS), conhecida como “fronteira da paz” por tratar-se de uma fronteira seca, dividida apenas por uma praça, com a cidade uruguaia Rivera, que abriga 64.465 habitantes, segundo o último Censo realizado em 2011 (URUGUAY, 2011). Segundo o IBGE (2019), em 2018 a estimativa populacional de Santana do Livramento era de 77.763 habitantes, mas de acordo com o último censo, realizado em 2010 o município possuía 82.464 habitantes, sendo 39.376 dos habitantes homens e 43.088 mulheres. Nas eleições municipais de 2004, apenas uma mulher foi eleita vereadora na cidade, acontecimento que se repetiu em 2008 (RBS, 2004,

2008). Já em 2012 e 2016 o número de vereadoras subiu para duas eleitas em cada eleição (ELEIÇÕES 2012, 2016). Um índice baixo para um município considerando que 52,25% da população é composta por mulheres (IBGE, 2010)

Além do baixo índice de vereadoras eleitas, a cidade nunca possuiu uma prefeita mulher, mesmo algumas entrando na disputa desde 2004, nenhuma delas conseguiu o cargo. Desse modo, é de suma importância averiguar, quais são os desafios e adversidades enfrentadas pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na Gestão Pública municipal de Santana do Livramento/RS? Para responder a problemática de pesquisa, definiu-se como objetivo geral investigar os desafios e adversidades enfrentadas pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na Gestão Pública municipal de Santana do Livramento/RS.

Para atingir o objetivo geral, elencam-se os seguintes objetivos específicos: a) apresentar quais as formas de acesso aos cargos de liderança na gestão pública municipal; b) apontar os desafios para o ingresso em cargos políticos; c) identificar como é dividido o poder na atual gestão municipal; d) relatar quais são as adversidades, entraves e conquistas da presença feminina em cargos de liderança.

No entendimento de Silva (2017), as mulheres possuem muitas características do perfil de um líder, como fácil relacionamento, comunicação, e poder de negociação. O que levantou o questionamento de porque existem tão poucas mulheres em cargos de liderança no setor público, tanto no âmbito nacional, como no municipal. E este questionamento, indica a importância da presente pesquisa que visou investigar os desafios e adversidades enfrentadas pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na Gestão Pública municipal nos seus respectivos ambientes de trabalho.

Além dos obstáculos convencionais, segundo Sousa, Siqueira e Binotto (2011), as mulheres têm um maior desgaste psíquico que os homens na requisição do mesmo cargo, ainda mais conciliando com o espaço doméstico. Com isso, entende-se que o preconceito só atrapalha e desgasta ainda mais as mulheres, o que pode interferir no seu desempenho. Não havendo presença feminina nos mais altos cargos de decisão do poder público está se subaproveitando a contribuição de cerca da metade da população (KURZAWA, 2003). Desta forma, a busca pelo fácil acesso e permanência das mulheres é relevante, ainda mais em um município que nunca teve, sequer, uma prefeita mulher.

Enquanto contribuição prática e gerencial buscou-se por meio desta investigação proporcionar a possibilidade de melhoria na qualidade de trabalho das agentes públicas. Já em termos de contribuição teórica, este estudo agrega-se aos achados de outras pesquisas ao revelar a atuação feminina na gestão pública. Neste sentido, Corrêa, Czarneski e Cerqueira (2016) destacam que os desafios enfrentados pelas mulheres no gerenciamento público é um tema atual e pouco estudado, além de não demandar grandes custos financeiros para a investigação.

Ressalta-se, por fim, a realização de uma busca nas plataformas SPELL, SCIELO, Periódicos CAPES e no repositório da biblioteca da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), pelas seguintes palavras chave "mulheres na gestão pública Santana do Livramento", "mulheres Santana do Livramento" e nenhum resultado foi encontrado referente aos desafios da mulher na gestão pública no município, apenas foram encontrados artigos relacionados à violência contra a mulher. Portanto, entende-se que um estudo desta natureza nunca foi realizado no município, deste modo, os dados levantados serão inéditos, estando disponíveis para os acadêmicos como fonte para um eventual trabalho do mesmo segmento.

Para tanto, este artigo encontra-se estruturado em quatro partes, além da introdução. A seguir apresenta-se o referencial teórico, posteriormente a metodologia utilizada, seguida pela apresentação e análise dos resultados. Por fim, as considerações finais do estudo.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Luta das Mulheres por Cidadania e Inclusão Política

O papel que homens e mulheres desempenham socialmente é resultante de uma construção histórica que interfere negativamente na qualidade de vida da mulher. Desde criança, a sociedade determina que homens e mulheres possuam posturas distintas, na qual a mulher desempenha o papel de ser subordinada e submissa ao homem (FIRMINO; SILVA; VIANA, 2015).

O grande problema é que essa desigualdade gera na sociedade uma visão estereotipada que causa consequências graves, que refletem, também, no mercado de trabalho (FIRMINO; SILVA; VIANA, 2015). Na mesma linha de pensamento, Miguel e Biroli (2014) evidenciam que mesmo com o crescimento da escolaridade em vantagem das mulheres -já que em 2008, 17,3% das mulheres tinham mais de 10 anos de estudo, em comparação a 14,3% dos homens, e que no ano seguinte 60% das matrículas em curso superior eram de pessoas do sexo feminino- esse fator não tem correspondido a posições melhores nem equânimes para mulheres no mercado de trabalho, comparativamente aos homens.

Couto (2012) destaca que o questionamento de seus papéis na sociedade e a necessidade de melhores condições de vida, fez com que as mulheres iniciassem o movimento feminista. O surgimento dos movimentos feministas se deu no século XIX, na Inglaterra, por meio de manifestações públicas e reivindicações em busca de direitos civis e políticos. Já no Brasil, a primeira conquista do movimento feminista foi a do voto feminino, em 1932.

Em outro direcionamento, Verucci e Marino (1985) *apud* Barroso (2016) destacam que ainda em 1934, a Constituição Federal estabeleceu que mulheres e homens teriam salários iguais, porém, anos mais tarde em 1940 foi autorizado, que as mulheres tivessem um salário mais baixo do que os homens.

Já em 1967, a Constituição Brasileira, reforçada pela Lei 5.473 de 1968, estabeleceu a ilegalidade de qualquer ato ou norma, direta ou indiretamente, fosse discriminatória em relação à seleção das mulheres para ocupação de cargos, tanto no setor público, quanto no privado, em qualquer nível. Porém na prática, essa lei não surtiu efeito, dada a falta de fiscalização do problema da discriminação sexual, por parte dos sindicatos e dos fiscais do governo, e pelas mulheres evitarem recorrer à justiça, por ser um procedimento caro e lento (BARROSO, 2016).

No entanto, se avançou na busca pela igualdade de gênero, já que até o início dos anos 90 as mulheres não podiam nem trabalhar sem a autorização do marido, isso graças à luta feminina constante em busca do seu espaço. Foram as mulheres que questionaram o patriarcalismo, onde a prática resulta no domínio e na marginalização das mulheres. Foi esse questionamento que começou a mudar o sistema hierárquico que por vezes humilhava as mulheres (KURZAWA, 2003).

O feminismo pressionou os limites e a forma que a sociedade pensa, com suas lutas pelo direito ao voto, pelo direito à educação, a exigência por direitos iguais no casamento e do direito ao divórcio, direito das mulheres à integridade física e ao controle de sua capacidade reprodutiva (MIGUEL; BIROLI, 2014), mas há outros direitos a serem conquistados e machismo e discriminação a serem desenraizados da sociedade. Rocha (2013) traz a concepção de que a questão da igualdade se trata simplesmente de demonstrar que pessoas fisiologicamente diferentes, em muitas circunstâncias, têm as mesmas capacidades.

Em sentido complementar, o próximo tópico evidencia a luta das mulheres junto ao movimento feminista, suas reivindicações em busca de representatividade política e conquista de espaço no cenário público.

2.2 O Papel da Mulher na Política

O feminismo é uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica e sua exclusão na esfera pública. Sendo assim, o feminismo é visto no ocidente como um filho indesejado da Revolução Francesa (MIGUEL; BIROLI, 2014).

A maioria dos revolucionários franceses seguia a trilha de seu inspirador para a revolução, Rousseau, que considerava que as mulheres estavam “naturalmente” destinadas a esfera doméstica. Porém, às margens da constituinte, surgiram demandas femininas pelo seu direito político, expressas principalmente pelas Republicanas Revolucionárias. O documento mais importante composto foi a “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” de Gouges, uma transcrição para o feminino, com alguns acréscimos, da “Declaração dos direitos do homem e do cidadão” (MIGUEL; BIROLI, 2014).

A partir desta base, Farah (2004) explica que o objetivo principal do feminismo é transformar a situação da mulher na sociedade, de forma a superar a desigualdade entre os gêneros. Além disso, o movimento feminista contribuiu para que a questão de gênero fosse incluída na agenda pública. Na mesma linha de pensamento, Carvalho (2016) destaca que houve uma divisão dentro da corrente feminista, onde se destacavam duas tendências principais. A primeira era voltada à participação política das mulheres, direito à saúde e a redistribuição de poder entre os sexos. A segunda estava mais ligada ao mundo privado, sendo ele o cenário doméstico.

No Brasil, a discriminação sexual nas organizações públicas entrou em pauta em meados de 1910, para professoras e mulheres de funcionários públicos, que fundaram o Partido Republicano Feminino. Aproximadamente uma década mais tarde, em 1920 as mulheres começaram a ocupar cargos importantes no setor público, por meio de concursos abertos, nos quais elas tinham que recorrer à justiça para poderem se candidatar (BARROSO, 2016). Já o movimento feminista só surgiu em 1970 (CARVALHO, 2016), mas o feminismo militante surgiu em 1960 resultante da resistência das mulheres à ditadura militar (SARTI, 2004).

Mesmo tendo conquistado o direito de votar e ser votada, a presença feminina em cenários como na Câmara e no Senado tem sido inexpressiva até a redemocratização dos anos 1980 e continuou até hoje (COUTO, 2012). Botelho e Scherer (2016), evidenciam que embora a participação das mulheres em cargos políticos venha aumentando ao longo dos anos, elas ainda estão sendo sub-representadas em comparativo ao número de homens que ocupam os mesmos cargos.

Miguel e Biroli (2014) destacam que o estereótipo atual de que a mulher é desinteressada na política, precisa considerar que o tempo semanal dedicado pelas mulheres ao trabalho doméstico é 150% maior que o dedicado pelos homens, assim essas desigualdades precisam ser levadas em conta para compreender porque elas continuam sub-representadas como grupo, em todos os âmbitos da política brasileira.

Mas mesmo assim, nos últimos tempos as mudanças no ambiente social e cultural mesmo sendo superficiais, geraram um pequeno aumento na propensão de inserção das mulheres nas disputas eleitorais (BOTELHO; SCHERER, 2016). Entretanto, esse aumento não apaga um fato: a decisão sobre leis e políticas que afetam diretamente as mulheres é feita no Brasil, ainda hoje, e como em toda história, por homens (MIGUEL; BIROLI, 2014)

Na mesma linha de pensamento, Kurzawa (2003) alerta que participação feminina nos mais altos cargos de decisão do poder público é de suma importância, pois não sendo assim, a contribuição de metade da população não está sendo totalmente aproveitada, pois excluindo o potencial de grande parte da população que constitui o país, ele não pode ser considerado totalmente democrático.

As mulheres vêm ocupando cada vez mais seu espaço no serviço público, mas quanto maior é o poder de decisão do cargo, menor a participação feminina (KURZAWA,

2003). No entendimento de Miguel e Biroli (2014), às barreiras legais foram abolidas, mas os impedimentos e desafios da mulher ingressar na arena política continuam em vigor.

Couto (2012) traz a concepção de que manifestações, como as convenções femininas, evidenciam que apesar das mulheres não estarem ocupando cargos no congresso nacional, elas estão ativas na política não institucionalizada, buscando melhor qualidade de vida. Diante do exposto, é inegável que ao longo dos anos as mulheres conquistaram muitos direitos e seu espaço na sociedade, mas a igualdade entre os gêneros no âmbito social e profissional ainda é um sonho distante. Quando se trata de cargos públicos, a representatividade feminina ainda é muito baixa comparada à masculina, ou seja, o poder público ainda é predominantemente masculino.

Na pesquisa de Couto (2012) que é especificamente focada na política, uma das entrevistadas revela que já sofreu e ainda sofre muito preconceito por ser uma mulher na política, que por falar firme já houve insinuações sobre sua sexualidade e que ainda ouve muitas piadinhas onde colocam como se o espaço político para as mulheres fosse um grande espaço de prostituição. A entrevistada ainda revela que apesar de toda sua experiência, ainda é difícil superar e enfrentar.

Paula (2013), por sua vez, apresenta em sua pesquisa um relato que revela que algumas mulheres precisam optar por adiar ou abolir a construção de uma família, com filhos, para conseguirem ter sucesso em seu cargo de liderança. Porém, uma das entrevistadas alerta que a escolha de deixar a carreira profissional em primeiro lugar tem um preço muito alto a se pagar. Outra entrevistada revela que conciliar a vida profissional e a vida pessoal não é nada fácil, e que esse é um dos principais fatores de crise em sua vida.

Outros relatos da pesquisa de Paula (2013), também apontam desafios para ocupação de cargos de chefia ser depreciada pelo próprio marido, uma das entrevistadas relata que quando começou a ter um salário maior que o marido, ele começou a implicar com ela, com seu cabelo e até com seu jeito de falar e andar. Essa mesma entrevistada ainda menciona que sempre teve que trabalhar e estudar mais do que seus concorrentes homens e que esse esforço foi pouco reconhecido.

Mulheres e homens são fisiologicamente diferentes, mas em muitas circunstâncias tem as mesmas capacidades. Sendo assim, este trabalho busca investigar os desafios e adversidades enfrentadas pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na Gestão Pública municipal em Santana do Livramento/RS, onde a maioria da população é composta por mulheres, e averiguar quais são os desafios enfrentadas na permanência no cargo. Contudo, a seguir apresenta-se os procedimentos metodológicos utilizados na operacionalização da presente pesquisa.

3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para operacionalizar esta pesquisa utilizaram-se alguns procedimentos, tendo em vista os objetivos propostos. A presente pesquisa se classifica como de natureza aplicada, que Gil (2010, p. 27) conceitua como uma “pesquisa voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica”.

Quanto à abordagem caracteriza-se como qualitativa que no entendimento de Diehl e Tatim (2004), pode descrever melhor a complexidade de certos problemas e ainda contribuir para o processo de mudança. Já em relação aos objetivos este estudo classifica-se como exploratório. No entendimento de Gil (2012), as pesquisas exploratórias têm como objetivo esclarecer, desenvolver e modificar ideais, além de formular pesquisas mais reais ou hipóteses pesquisáveis.

Para a coleta de dados primários utilizou-se de entrevista semiestruturada, com auxílio de roteiro. No entendimento de Gil (2012), a entrevista é uma interação social, uma forma de diálogo em que o entrevistado se apresenta como fonte de informação, por isso é a

técnica mais usada quando se trata de problemas humanos. Na mesma linha de pensamento, Gil (2010) destaca que a técnica de entrevista semiestruturada possibilita a expressão do entrevistado, que é essencial para a interpretação das experiências do mesmo, e garante o foco do entrevistador.

O roteiro semiestruturado foi adaptado de Cintra (2011), Araújo (2013), Paula (2013) e Monteiro (2015), composto por 23 questões, conforme Apêndice A. A entrevista foi gravada, com a devida autorização das respondentes e posteriormente transcrita.

Os sujeitos da pesquisa foram mulheres em exercício na atual gestão municipal de Santana do Livramento/RS. As mesmas foram selecionadas por conveniência e acessibilidade, totalizando 4 entrevistadas. Vale salientar, que a identidade das entrevistadas foi mantida em sigilo, assim para apresentação dos resultados utilizou-se a seguintes identificações: E1, E2, E3 e E4.

Quanto à análise e interpretação dos dados, a técnica adotada foi a interpretativa. Assim, no entendimento de Severino (2016), interpretar é tomar uma posição própria das ideias apresentadas e estabelecer uma aproximação com as ideias expostas com outras ideias semelhantes, independente de qualquer tipo de influência. Assim, na sequência apresenta-se a apresentação e a análise dos resultados da presente pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Caracterização das Entrevistadas

Na presente pesquisa foram entrevistadas 4 mulheres, do total de 6 mulheres que trabalham em cargos de liderança na gestão pública de Santana do Livramento. Selecionou-se mulheres que trabalham em diferentes áreas, para que os resultados fossem mais amplos e diversificados. O Quadro 1 apresenta a caracterização das entrevistadas.

Quadro 1 - Caracterização das entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Cargo Atual
E1	64 anos	Ensino médio completo com especialização	Divorciada	Coordenadora Regional da Educação do RS
E2	49 anos	Superior incompleto (cursando)	Casada	Vereadora de Santana do Livramento
E3	54 anos	Superior completo	Divorciada	Vice-Prefeita de Santana do Livramento
E4	76 anos	Superior completo	Solteira	Secretária Municipal da Educação

Fonte: elaborado pela autora.

A entrevistada denominada como E1, possui 64 anos, é divorciada, possui ensino médio completo cursado predominantemente em escola privada e especialização em Pedagogia, Supervisão Escolar e Educação Especial. A mesma trabalhou mais de 40 anos no setor público, onde se aposentou no início deste ano. Nos seus últimos 4 anos de atividade, foi Coordenadora Regional da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, comandando 60 pessoas dentro do seu departamento e mais de 57 escolas em 5 municípios da região.

A E2 possui 49 anos, é casada, possui ensino médio completo cursado predominantemente em escola pública e está cursando o ensino superior no curso de Direito. A mesma foi eleita como Vereadora Municipal e está no cargo há 3 anos, tendo 4 pessoas sob seu comando.

Destaca-se também, que a E2 trabalhava em um supermercado local quando foi diagnosticada com depressão, o que ocasionou na saída de sua função, levando-a a trabalhar informalmente em casa e a dedicar seu tempo à igreja, como obreira e instrutora. Como

instrutora de um curso bíblico, a mesma foi escolhida para ser a oradora de sua turma, ocasião onde políticos notaram sua desenvoltura e a convidaram para concorrer ao cargo de vereadora municipal.

A E3 por sua vez, possui 54 anos, é divorciada, possui ensino médio completo sendo parte cursado em escola pública e outra parte em escola privada, além de possuir ensino superior completo no curso de Pedagogia. A mesma foi eleita como Vice-Prefeita e está no cargo há 3 anos, possuindo apenas 1 funcionária sob seu comando. A E3 desde muito nova já era bastante envolvida com militâncias, tanto que assim que ingressou no magistério público estadual, já iniciou sua luta junto ao sindicato de professores.

A mesma trabalhou no magistério estadual durante 12 anos, até que em 1998 foi convidada para trabalhar na Assembleia Legislativa, ocasião em que teve que optar entre o magistério e a política. Mari solicitou sua exoneração e ingressou de vez na carreira política, onde trabalhou na Secretaria de Transportes, na Câmara Federal e na Câmara Dos Deputados, foi chefe de gabinete do Ministério de Ciência e Tecnologia, diretora geral e secretária adjunta do Conselho de Desenvolvimento Econômico do estado do Rio Grande do Sul, subsecretária no governo do Distrito Federal, dirigente do PSB e também trabalhou com ex-candidato à presidência Eduardo Campos, de 2004 até 2014, ano que o mesmo faleceu.

Voltou à Santana do Livramento a pedido de seu partido político, PSB, para concorrer à prefeita municipal, mas a mesma recusou o convite e decidiu candidatar-se a vice-prefeita, com o intuito de ajudar o município. Todavia, foi impedida de fazê-lo, precisando recorrer a uma medida judicial para poder exercer o cargo que lhe foi dado pelas urnas.

Já a E4 possui 76 anos, é solteira, possui ensino médio completo, sendo uma parte cursado em escola pública e outra parte em escola privada, além de possuir ensino superior completo no curso de Ciências sociais e pós-graduação em Sociologia. A mesma trabalha como Secretária Municipal de Educação há 3 anos, e possui, além do seu departamento, mais de 40 escolas sob seu comando. Assim que concluiu o ensino médio, a mesma tinha o desejo de ser socióloga, porém esse desejo foi prejudicado pelo Regime Militar de 1964, onde a mesma relata que foi uma época difícil, tanto para a profissão que ela escolheu, que foi bastante lesada, tanto para si, que assistiu colegas sendo retirados da sala de aula, e impedidos de estudar por militares.

Em 1966, a E4 terminou sua graduação e em 1967 terminou o curso da Aliança Francesa, quando solicitou uma bolsa de estudos em Portugal, onde permaneceu 4 anos, cursando um curso complementar em Estudos do Trabalho. Retornou a Santana do Livramento por um curto período, onde lecionou Sociologia Geral e Sociologia da Educação, na ASPS (universidade local na época). A mesma foi residir no Rio de Janeiro, onde trabalhou em uma empresa de projetos navais e também como intérprete de Francês. Voltando a Santana do Livramento, trabalhou como professora no ensino fundamental, médio e superior, até que foi indicada como Secretária da Educação e precisou se desvincular das salas de aula, para exercer seu cargo, onde promoveu uma série de melhorias e ampliações.

Logo após cumprir seu mandato, voltou a lecionar no magistério estadual, até sua aposentadoria. Foi Vice-Prefeita, vereadora, é membro fundador da academia Santanense de Letras, membro do Rotary Club de Santana do Livramento e é a responsável pela Aliança Francesa do município. Neste sentido, após a caracterização das entrevistadas apresenta-se como o poder é dividido na atual gestão municipal e como estas entrevistadas o caracterizam.

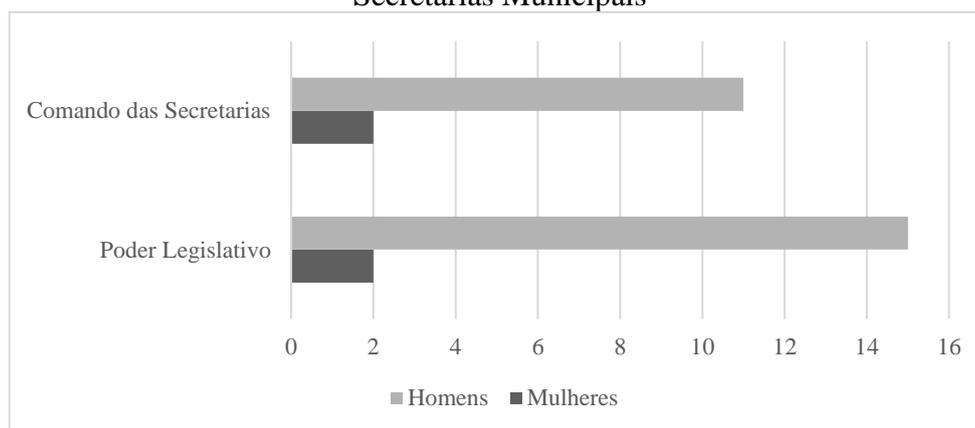
4.2 O Poder na Gestão Municipal Atual

Kurzawa (2003) destaca que a participação das mulheres em altos cargos de poder é extremamente importante, pois um país que exclui a contribuição e potencial de grande parte da população que o constitui, não pode ser considerado totalmente democrático. Na mesma

linha de pensamento, Monteiro (2015) destaca que apesar de várias lutas e conquistas o acesso de mulheres a cargos de poder ainda não é um fato.

Circunstâncias estas que são demonstradas na gestão pública de Santana do Livramento, onde o poder ainda é predominantemente masculino. Poucas são as mulheres que exercem cargos de liderança, tanto nas secretarias municipais, onde das 13 secretarias apenas 2 são comandadas por mulheres, quanto no poder legislativo que possui apenas 2 mulheres vereadoras contra 15 homens. O Gráfico 1 apresenta o comparativo de homens e mulheres atualmente nestes cargos.

Gráfico 1- Comparativo entre homens e mulheres no Poder Legislativo e no comando das Secretarias Municipais



Fonte: elaborado pela autora.

Segundo as entrevistadas, a liderança feminina possui vários aspectos próprios da mulher, uma sensibilidade maior, uma maior capacidade analítica, uma maneira diferente de gerir e a capacidade de não se deixar influenciar. A mulher possui um perfil único voltado para o social, pois além de dar relevância aos problemas que também são importantes para as lideranças masculinas, as mulheres têm uma preocupação especial com pautas como saúde e educação.

Eu observo que na participação política da mulher ou na sua maneira no trato com a coisa pública, é que sempre ela é um pouco mais intuitiva, ela sempre tem algo que eu não tenho observado nas lideranças masculinas. Então às vezes parece assim... não que elas sejam... não tô dizendo que vá adivinhar o que vai acontecer, mas ela tem aquela capacidade de separar mais os fatos e poder analisar quase de uma forma mais objetiva, e que às vezes eu não vejo nas lideranças masculinas (E4).

A diferença sempre terá, por quê? Porque nós mulheres, há uma sensibilidade que não há no homem (E2).

O olhar da mulher é diferente, normalmente os homens, quando eles assumem os mandatos, eles têm preocupação com a infraestrutura da cidade, não é uma preocupação que fique longe da mulher, a mulher também se preocupa, eu acho importante, que os bairros da cidade tenham infraestrutura, tenham iluminação, isso tem a ver com segurança, das mulheres inclusive, mas eu acho que o olhar da mulher ele tende a se voltar pra assistência social, pra saúde, pra educação (E3).

Acho também que quando a pessoa ela é firme nos seus propósitos, ela tem uma tendência, no caso da mulher a não se deixar... a saber analisar mais os fatos e não se deixar influenciar, as vezes, por todas aquelas pessoas que vivem na ante sala do poder (E4).

Os achados da pesquisa assemelham-se aos de Paula (2013), onde houve inúmeras menções a sensibilidade da mulher, além do seu espírito de equipe e a sua capacidade de saber ouvir. No entanto, mesmo com todas as qualidades e competências, o número de mulheres no setor público ainda é, em alguns setores, bastante inferior à participação masculina. Setores como Secretaria da Educação e Secretaria da Saúde que são, normalmente, “tachados” como áreas femininas, estão entre as que lideram como as mais desiguais em número de servidores concursados, com 53 homens e 25 mulheres e 52 homens e 29 mulheres, respectivamente. O Quadro 2 evidencia o comparativo entre homens e mulheres em cada secretaria municipal.

Quadro 2- Comparativo entre Funcionários das Secretarias

Secretarias	Homens (Concurso)	Mulheres (Concurso)	Homens (Contrato)	Mulheres (Contrato)	Homens (Estágio)	Mulheres (Estágio)
Secretaria de Administração	16	6	-	-	5	7
Secretaria de Agricultura, Pecuária...	20	3	21	10	-	-
Secretaria de Assistência e Inclusão Social	18	28	10	13	4	10
Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer	22	5	-	-	-	-
Secretaria de Desenvolvimento Econômico	4	1	-	-	-	1
Secretaria de Educação	53	25	-	-	-	-
Secretaria da Fazenda	11	6	-	-	19	28
Secretaria de Obras	19	5	23	6	-	1
Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente	11	9	-	-	-	1
Secretaria da Saúde	52	29	18	14	11	46
Secretaria de Serviços Urbanos	13	3	15	4	2	-
Secretaria de Trânsito, Transportes...	45	3	-	-	-	3
Secretaria de Turismo	3	5	-	-	-	2

Fonte: Adaptado de Portal da Transparência Santana do Livramento (2019).

Kurzawa (2003) afirma que as mulheres vêm ocupando cada vez mais seu espaço no serviço público, porém como evidenciado no Quadro 2, esta não é a realidade do município, já que setores como educação e saúde não são as únicas áreas que são majoritariamente masculinas. A Secretaria de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Assuntos Agrários, por exemplo, possui 20 homens concursados contra apenas 3 mulheres. Situação bem parecida com a da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, que de 27 concursados, apenas 5 são mulheres. A participação de mulheres nestas secretarias, aumentam nos cargos de estágio, principalmente nas secretarias da Fazenda e da Educação. Em sentido complementar, a partir dos dados a presente pesquisa supõe que o aumento dos cargos de estágio relaciona-se a maior flexibilidade, menor carga horária, menores salários e, por vezes sendo ocupações menos valorizadas. A E1 relaciona a baixa participação das mulheres em alguns setores à omissão da

própria mulher. A mesma cita um exemplo da política e afirma que há muita dificuldade em conseguir mulheres para ocupar estas vagas.

A gente sofre grande dificuldade de ocupar o terço que a gente tem que colocar de mulher, por exemplo um partido político quando vai concorrer uma eleição ele tem que ter um percentual de mulheres candidatas, 30%, e geralmente não têm, por omissão da mulher (E1).

Miguel e Biroli (2014) alertam que o pressuposto de que a mulher atual é desinteressada na política, precisa considerar que o tempo semanal dedicado pelas mulheres ao trabalho doméstico é 150% maior que o dedicado pelos homens, e isso precisa ser levado em conta para entender o porquê elas continuam sub-representadas em todos os âmbitos da política.

As entrevistadas atuam em diferentes setores, como citado anteriormente, por isso o número de mulheres que trabalham com as mesmas diverge bastante. A E3 atua como vice-prefeita, sendo assim, a única pessoa que trabalha no mesmo departamento que ela é a assessora. No poder legislativo há somente duas mulheres em meio a 15 homens, uma delas é a E2. Já a E1, relata que o seu ambiente de trabalho era predominantemente feminino, relato semelhante ao da E4 que alega que a profissão de professor no Brasil é vista como um bico, como se a mulher não precisasse do trabalho e do salário. Sob a mesma perspectiva, Monteiro (2015) traz a concepção de que o trabalho do homem é visto como fundamental, enquanto o da mulher é visto como complementar.

Aqui o mundo é feminino, não sei te dizer no momento, mas são poucos os que são homens, porque infelizmente a profissão do professor no Brasil ela é vista quase mais como, digamos assim, até um exagero talvez eu dizer isso, mas quase como um bico, digamos assim, como alguém que não seja... que não tenha a necessidade daquele cargo, daquele trabalho, pra sua manutenção (E4).

Eu era coordenadora geral, né... e depois tinha as chefias que todas eram mulheres. O meu adjunto agora por último que era homem, que ainda está lá no cargo, mas o resto tudo era mulher (E1).

Como vereadora, no caso, sou eu e a vereadora Maria Helena (E2).

Eu só tenho uma assessora, que é a Reginara (E3).

Sobre a diferença do trato entre homens e mulheres no setor público, os dados revelam que esta diferença depende do setor em que cada entrevistada trabalha, dos cargos que elas ocupam e da visão de mundo de cada uma. A E4 trabalha no gabinete da secretaria da educação, que é um espaço majoritariamente feminino e mesmo assim ela acredita que não há uma igualdade plena, que sempre há uma discriminação. Já a E2 que trabalha no Poder Legislativo, um espaço majoritariamente masculino, onde possui uma colega mulher, acredita que todos são tratados igualmente e que a discriminação é inexistente. No entendimento de Siqueira e Samparo (2017), todo ser humano, e em consequência toda mulher, deve ser tratado com dignidade, principalmente no seu local de trabalho.

Depende, depende da profissão, não é... depende da profissão de cada um, mas de modo geral há sempre uma pequena discriminação. Não há essa igualdade como a gente gostaria (E4).

Pode ser que alguém diga que não, mas eu acho que sim, porque é setor público entendeu?! Não tem porque, não há... eu não vejo assim, dessa maneira, que há uma discriminação (E2).

Não, acho que são pouquíssimas as mulheres em cargos de chefia, acho que as mulheres são muito importantes porque são responsáveis, porque tem competência, mas elas dificilmente têm reconhecida essa capacidade ocupando um cargo de chefia (E3).

Sampaio, Paula e Miranda (2016) afirmam que a representação política das mulheres ainda é baixa comparada a dos homens. Sob a mesma perspectiva, Cintra (2011) alerta que o crescimento econômico de uma sociedade só acontece quando essa sociedade concretiza a igualdade como fator de desenvolvimento. A autora ainda salienta que é injustificável que as mulheres ainda estejam afastadas das decisões políticas, econômicas, da participação cultural, social e ambiental.

No entanto, alguns fatores poderiam mudar esta realidade. A mulher tem um perfil bastante singular, uma maneira de gerir diferente, porém muitas vezes o preconceito e a falta de reconhecimento de suas capacidades tornam-se obstáculos significativos. Outro fator que poderia auxiliar no aumento da participação feminina é a mulher deixar de lado a herança cultural do desinteresse político e acreditar no seu potencial, ter consciência do que quer e a lutar por isso.

Eu acho que se a gente tivesse menos preconceito contra a mulher, tivesse mais reconhecimento de sua capacidade de parte dos eleitores inclusive, eleitores e eleitoras, se mais homens e mulheres votassem em mulheres, seria uma oportunidade de perceber que nós somos tão capazes quanto, que temos uma forma diferente de praticar política, com esse perfil mais da mulher, digamos assim, que é um perfil de diálogo, um perfil com menos autoritarismo, um perfil com mais empatia, acho que isso oportunizaria uma maior presença das mulheres na política (E3).

A consciência que ela tem do seu potencial, que ela pode ter uma participação tão grande ou maior que a do homem, e ter coragem, e saber lutar pra chegar ao que deseja, ao que pretende, acho que basta a mulher acreditar, porque se você não acredita... e há toda uma questão também que é de formação, como eu disse, tudo vem de toda uma herança cultural que nós temos, porque geralmente a mulher assim, mesmo politicamente, a mulher não tem lá muito interesse, entende (E4)

Elas acreditarem nelas mesmas, se elas acreditarem que elas têm essa condição, elas conseguem qualquer coisa (E2).

Então acho que hoje em dia a pessoa tem que ter consciência, tem que ter os pés no chão, e saber lutar por aquilo que ela acredita, e sempre pensando em uma sociedade mais humanizada, mais fraterna, porque o mundo já não tá fácil, e hoje em dia nós vemos que há uma... é aquela questão da sociedade líquida, do amor líquido, que tudo escorrega e foge ao nosso alcance, então procurar entender que depende de cada um, no que a pessoa acredita em si e no que ela acha que ela possa realmente, é... realizar, se realizar através da sua profissão e sabendo que também poderá possibilitar um benefício no meio em que vive (E4).

A desigualdade entre homens e mulheres varia muito no município, enquanto alguns setores são predominantemente femininos, outros são o oposto. As entrevistadas comprovam esta realidade, enquanto umas trabalham cercadas por mulheres, outras são as únicas no setor de atuação. Quando se trata de cargos de poder a situação é ainda pior, já que a maioria delas possui no máximo uma mulher no mesmo cargo que elas. Em sentido complementar, a seguir apresenta-se como ocorre o acesso aos cargos de liderança na gestão pública municipal.

4.3 O Acesso aos Cargos de Liderança na Gestão Pública Municipal Atual

Diversos são os modos de ingressar na gestão pública, as entrevistadas desta pesquisa, por exemplo, ingressaram de diferentes maneiras. A E1 ingressou por meio de indicação do governador estadual, mas há algum tempo atrás também havia tentado, sem sucesso, ingressar como vice-prefeita por meio de votação popular, mesma forma de ingresso da E2 e da E3. Já a E4, também ocupa seu cargo atual por meio de indicação, mas diferente da E1, a indicação veio do governo municipal. Há algum tempo atrás, a E4 também teve sua liderança atribuída mediante as urnas, pois a mesma foi vereadora e vice-prefeita. Neste sentido, percebe-se que todas as entrevistadas já tiveram alguma experiência na política municipal, mas hoje as formas de ingresso se dividem entre indicação e votação.

Sampaio, Paula e Miranda (2016) trazem a concepção de que reivindicar igualdade é saber que existem diferenças, mas lutar para não deixá-las ser um impedimento para o alcance dos direitos iguais. Neste sentido, quando questionadas a respeito de políticas públicas que visam buscar esta igualdade, as entrevistadas apresentam diferentes pontos de vista por trabalharem em diferentes áreas. A E1 trabalha em um setor que atualmente é majoritariamente feminino, sendo assim as mulheres que trabalham neste departamento nunca precisaram buscar políticas de igualdade. A E2 e a E3, trabalham na área política, mas suas opiniões divergem, enquanto uma delas acredita que não existem políticas públicas a este respeito, a outra apresenta algumas políticas para ajudar a mulher a ter uma maior participação política. Em sentido complementar, pode-se citar o direito adquirido da presença feminina nos partidos políticos, sendo no mínimo 30%. Já a E4, não sabe da existência de nenhum auxílio neste sentido, mas acredita que deveria existir uma valorização humana independente do sexo.

A gente nunca chegou a batalhar isso porque lá nós tínhamos, assim ó... acho que 2 homens e o resto tudo era mulheres, então não tinha esse preconceito com nada, a gente viveu harmoniosamente, com os dois gêneros sem problema (E1).

Eu acho que essa deveria ser a premissa que deveria prevalecer em todos os governos, de procurar favorecer o ser humano, independente da questão de, digamos assim, de dizer que seja homem, que seja mulher, questão de sexo. Eu acho que sim, eu acho que isso deveria... e se não for assim é porque é um erro (E4).

Tem algumas políticas que foram aprovadas no parlamento, hoje por exemplo as direções da maioria dos partidos é formada por no mínimo 30% de mulheres, em alguns casos até mais, a própria legislação de cotas que estabelece que até 70% da chapa só pode ser formada por um sexo, mas que diz respeito a nós mulheres, a política que determina que 10% dos programas eleitorais tem que ser utilizados por mulheres, a criação do fundo partidário para mulheres, do partido, o partido é obrigado a repassar, pra que haja capacitação, formação política das mulheres, né... são legislações que vieram pra ajudar, enfim, ajudar a mulher a ter uma presença mais efetiva na política (E3).

Não, infelizmente não há essas políticas (E2).

Outro fator importante revelado pela presente pesquisa, é o conhecimento da mulher ser visto como se ela quisesse exercer uma certa dominação sobre os demais, como se a mulher ter um conhecimento maior fosse algo negativo. Também é citado como uma dificuldade importante a falta de condições para a mulher participar da política, pois em eventos como convenções ou reuniões não existem espaços para a mulher deixar seus filhos, ou seja, a política não se adaptou a ter mulheres atuando na mesma.

Eu acho que a mulher ela enfrenta muitos desafios, só o fato de assumir uma candidatura tem uma exigência muito grande em cima da mulher, porque a mulher ainda é a maior responsável pela educação dos filhos, e pela casa, então na ordem de

prioridades da mulher é assim: vem os filhos, o marido ou companheiro, a casa, se ela tiver a mãe sob os cuidados dela, os seus pais ela dá prioridade, depois vem ela (E3).

Olha, são muitos. Primeiro lugar tem que enfrentar, tem que ter muita convicção, digamos ideológica, do que se pretende, do que se quer, e saber que se tá enfrentando uma série de fatores que são completamente fora, as vezes da sua realidade, questão de pessoas que podem achar que o fato de alguém demonstrar um certo domínio, um certo conhecimento em uma determinada área, signifique querer escravizar ou dominar os outros, quando não é isso, não é... eu acho que as lideranças hoje elas tem que ser no sentido de que é necessário numa sociedade para justamente uma sociedade organizada pra que as pessoas possam, pensar também no que eu falei ainda a pouco, que é aquela questão do bem comum, no bem coletivo, se você não tem essa determinação com certeza você não chega a lugar nenhum (E4).

A falta de posicionamento da mulher. Enquanto a mulher ficar imaginando que o homem pode e ela não pode por isso e por isso, tem que tirar o por isso e dizer eu posso, e assumir o lugar que foi determinado pra nós nessa terra (E2).

Além dessa responsabilidade que a mulher tem internamente com a família e com a casa, são os próprios partidos políticos, que tem muita dificuldade de ver as candidaturas femininas como candidaturas prioritárias, os partidos não criam condições pras mulheres participarem, não criam, dificilmente um partido vai ter um sistema de creche numa reunião grande, numa conferência, num congresso, numa convenção, aonde a mulher possa ir e levar seus filhos, isso já é um impedimento (E3).

Segundo a pesquisa de Paula (2013), a mulher está lutando para alcançar cargos de poder e prestígio, mas seu maior desafio ainda é conciliar a vida profissional e a pessoal. Mesmo sem a estrutura necessária para receber mulheres que optam pela maternidade em muitos locais de trabalho, segundo a pesquisa de Grossi e Miguel (2001) as mulheres que não tem filhos, recebem uma constante cobrança por parte dos homens e de outras mulheres para que decidam pela maternidade.

Na mesma concepção, a pesquisa de Grossi e Miguel (2001) evidencia que as mulheres precisam sempre “fazer mais” para provar sua competência. Quanto aos desafios que estas mulheres enfrentaram para atingir cargos de liderança, a pesquisa revela que eles são vários e bastante diversificados. O principal desafio citado é também o mais comum, a divisão da mulher entre a família e a carreira, pois a mulher na maioria das vezes é responsável pelos filhos, pelo marido ou companheiro, e em alguns casos pelos pais.

Além de enfrentar todos os desafios e dificuldades impostos, para ser uma líder é necessário ter algumas características e qualidades consideradas fundamentais para exercer estes cargos. Na pesquisa de Paula (2013) evidencia-se que são vistos como atributos essenciais de uma líder a inteligência, responsabilidade, liderança, dedicação e conhecimento técnico. Quando questionadas sobre quais características elas consideravam fundamentais para exercer um cargo de liderança, o controle, uma formação adequada, caráter, conhecimento sobre o ambiente que irá gerir, foram elementos mencionados pelas entrevistadas.

Primeiro lugar, eu acho assim, tu tem que ter um controle, mas não abusivo, das coisas, eu acho assim que a ciência de administrar bem, tá na parte de delegar as coisas, pra todos que trabalham contigo, porque cada área tem uma tarefa a fazer, o pedagógico tem uma, financeiro tem outra, então tu saber colocar as pessoas nos lugares certos é um fator determinante, fazer o acompanhamento e o controle de todas as atividades e criar um clima saudável de convivência fraterna com teus pares, porque são realmente as pessoas que vão executar uma tarefa que tu vai assinar, então tu tem que confiar naquilo, verificar, para que tudo saia contento (E1).

Você pode chegar... demonstrar sua liderança como diretor de uma escola, você pode demonstrar sua liderança numa sala de aula, você pode demonstrar uma liderança nas mais diversas atividades que você exerça, mas sempre pensando mais no sentido positivo, e se não for assim, se você ficar sempre só dependendo de... de... da opinião dos outros, de fazer só o que os outros desejam, o que os outros pretendem que você seja, aí pode não levar a... a algo que é muito importante, todo ser humano, que é a própria realização pessoal (E4).

Liderança não é uma coisa que a gente conquiste com cargo, liderança a gente conquista, inspirando as pessoas, inspirando as pessoas através das tuas ideias, dos teus exemplos, né... enfim, te tomarem como um exemplo inspirador, e acompanharem o projeto (E3).

Primeiro lugar, eu acho que algo que a pessoa deve ter muito consciente assim é o que ela pretende, o que ela entende do momento que ela tá vivendo, e da situação, e da sua situação profissional no momento é... no momento presente, sem essas condições, eu acho muito difícil uma boa formação de caráter, se a pessoa não tem bons princípios, nós já temos exemplos na história de tantas lideranças que foram negativas, e que levaram o mundo, digamos assim, como no caso neofascismo, a uma catástrofe, é preciso que as pessoas sejam... principalmente tenham boas intenções e sejam bem formadas (E4).

Eu acho que as principais características que um gestor deve ter pra exercer uma função de gestor, primeiro né: conhecimento, tu tens que conhecer o ambiente que tu vai fazer a gestão, seja uma cidade, uma empresa, uma casa, uma loja, o que for, tu tens que ter... saber que tem dois ouvidos e uma boca, porque é importante ouvir os outros, ninguém faz nada sozinho, então tu tem que ter essa habilidade de saber ouvir, tu tens que ter filtro pra saber escolher aquilo que tu vai ouvir, fazer, digamos assim, a filtragem daquilo que tu escuta pra tirar o que vai evidentemente te ajudar na gestão, tu tens que gostar de planejamento, tens que ser uma pessoa que conhece planejamento, e trabalhar com planejamento, tu tens que ter abertura pra diálogo, tem que saber estabelecer essa fraternidade, tu tem que ter empatia, o que que é empatia? é tu saber te colocar no lugar do outro, né... e saber também que o poder é transitório (E3).

Estas mulheres ingressaram em cargos públicos de maneiras diferentes, trabalham em setores diferentes e tem opiniões muitas vezes divergentes, mas todas elas possuem algo em comum, todas acreditam que as mulheres precisam possuir várias características e qualidades e enfrentar diversos obstáculos para alcançarem o cargo que almejam, fatores estes que muitas vezes não são cobrados dos homens. A seguir apresenta-se as adversidades, os entraves e as conquistas destas mulheres na atual gestão municipal.

4.4 Adversidades, Entraves e Conquistas da Presença Feminina em Cargos de Liderança na Atual Gestão Pública Municipal

Monteiro (2015) destaca que existem duas formas de justificar a divisão sexual do trabalho, pelos fatores biológicos ou pela construção social. As diferenças biológicas durante muito tempo justificaram a submissão da mulher, submissão essa que libera o homem para a esfera profissional, enquanto destina às mulheres tarefas relacionadas ao lar, crianças, idosos e enfermos. No entanto, esta não é a realidade das entrevistadas, todas possuem filhos e para a maioria delas a conciliação entre trabalho e maternidade não foi um problema. A E3 e a E4 relatam que não tiveram grandes dificuldades nesta conciliação, já a E1 precisou do auxílio da mãe para conseguir equilibrar a vida pessoal e a profissional.

Os achados desta investigação contrapõem em alguns pontos Paula (2013), que apresenta em sua pesquisa um relato que revela que algumas mulheres precisam optar por adiar ou abolir a construção de uma família com filhos, para conseguirem ter sucesso em seu

cargo de liderança. No entanto, vale salientar que o relato de uma das entrevistadas da autora revela que conciliar a vida profissional e a vida pessoal não é nada fácil e que esse é um dos principais fatores de crise na sua vida. Resultado este, semelhante aos da presente pesquisa.

Meu filho hoje já é um homem, mas quando pequeno, que precisei trabalhar 8 horas por dia, que era minha carga horária, eu contei muito com a minha mãe que morava conosco e me ajudava, eu era também separada, e ela que me ajudava a levar ele pra escola, a manter ele, mas a gente sempre fica muito atenta, porque isso é inerente à mulher, esse cuidado com os filhos, não tem como tu te desligar, mas tu tem também que fazer o teu trabalho porque tu precisa também dele, pra manter teu filho e pra te manter, é uma coisa inerente uma da outra, mas eu acho que a gente tem que saber equacionar. Eu tive essa felicidade de ter minha mãe comigo, e que muito me auxiliou (E1).

A minha experiência é meio atípica, porque eu tive 3 filhos até os 23 anos, fiz duas faculdades e sempre trabalhei, e meus filhos não tem nenhuma dúvida a respeito do amor que eu sinto por eles, e da responsabilidade que eu tenho por eles, tenho e tive (E3).

Eu sou uma dona de casa normal, tenho uma atividade normal dentro da minha casa, nada mudou, e eu até glorifico a Deus por isso, por que se te deu mais habilidade, é que tu tem essa condição, tem essa capacidade. Então, eu trabalho, aqui na câmara como vereadora, faço trabalho normal dentro da minha casa, faço faculdade de tarde, faço um trabalho na Obra de Deus como obreira, também na Igreja da Graça, pra mim é natural (E2).

Eu sempre achei assim, que pra uma pessoa ser feliz, para uma pessoa fazer o outro feliz, ela tem que estar feliz, então eu não abri mão dos meus sonhos profissionais, e compus a minha carreira profissional com o cuidado dos meus filhos, teve períodos que os guris moraram sozinhos em Porto Alegre, e assim mesmo, eles tinham toda minha atenção, eu fazia de alguma forma... ligava três vezes por dia, sabia a hora que tavam tomando banho, saindo pro colégio, comiam, etc, né... sempre fui uma pessoa muito presente na educação dos meus filhos, mas eu sempre achei que eu devia buscar meu desenvolvimento profissional, e eu acho que isso foi um exemplo que eu dei a eles, porque os três dão importância pra carreira profissional também, tanto quanto dão pra família (E3).

No entendimento de Paula (2013), as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos ainda são reconhecidos como tarefas femininas e as mulheres ainda precisam carregar o fardo da jornada dupla de trabalho. Além disso, a autora também destaca que as mulheres ainda são discriminadas em seus ambientes de trabalho, sendo preteridas em salários, promoções e cargos de destaque. Porém os obstáculos enfrentados pelas mulheres vão além disso.

Na mesma linha de pensamento, na pesquisa de Couto (2012) uma das entrevistadas revela que já sofreu e ainda sofre muito preconceito por ser uma mulher na política, que por falar firme já houveram insinuações sobre sua sexualidade e que ainda ouve muitas piadinhas onde colocam como se o espaço político para as mulheres fosse um grande espaço de prostituição. A entrevistada ainda revela que apesar de toda sua experiência, ainda é muito difícil de superar e enfrentar. Além das dificuldades apresentadas por Couto (2012), essa pesquisa propõe tantos outros desafios em ser mulher no meio político.

Os dados apresentam realidades diferentes entre as entrevistadas, enquanto uma delas nunca sofreu nenhum tipo de discriminação por trabalhar somente entre mulheres e outra evidenciar que não presta atenção nesta questão, as outras duas relatam momentos em que foram claramente discriminadas. A E3 expõe que foi afastada de seu cargo e precisou entrar judicialmente para conquistar o direito que foi lhe dado pelas urnas e que sofre com constantes tentativas de constrangimento com o intuito de que a mesma renuncie ao seu cargo.

Já a E4, vivenciou outro tipo de dificuldade, o preconceito por ser mãe solteira, por ter uma relação estável com uma pessoa que teve um relacionamento anterior e por não optar pelo casamento.

Sim, já. Acho que a situação que eu vivo hoje. Fui afastada de toda e qualquer função, aqui na Prefeitura, há uma tentativa óbvia de me constranger, com intuito de que eu renuncie ao mandato, essa é uma atitude machista, é uma atitude covarde, e com certeza se eu não fosse mulher talvez a atitude fosse outra, acho que ainda falta muito pra os homens respeitarem a capacidade das mulheres (E3).

Não, não, na minha profissão, a maioria somos mulheres né, no magistério (E1)

Discriminação eu não posso te dizer exatamente, porque eu sempre fui uma pessoa que tinha personalidade muito forte, então eu nunca, é... depende de como você se posiciona diante de uma realidade, por exemplo, o fato mesmo de ser mãe solteira, quando minha filha começou a frequentar a escolinha, desde cedo eu expliquei tudo pra ela, pra que ela não sofresse, pela minha situação (E4).

Pra te falar a verdade, eu não... meus olhos não tá nisso, deverá ter, eu creio que sempre terá, aonde até a maioria são homens, mas eu não... meus olhos não tão nisso, então não tenho essa preocupação (E2).

Eu sofri sim várias discriminações, já fui proibida de participar de reunião, tive que entrar judicialmente pra conquistar o direito pra garantir o meu direito de assumir como vice-prefeita nas ausências do prefeito, o que me foi dado pelas urnas, que não é um ato discricionário dele, porque foi a urna que escolheu uma chapa, e eu tive um papel nessa chapa, eu dei credibilidade a essa chapa, o meu partido foi quem coordenou a campanha, quem fez o investimento financeiro pra que se chegasse a esse resultado de eleger um prefeito e uma vice, e eu estou alijada hoje da possibilidade de atuar em favor do município. Então, fui afastada, não sou convidada pra nenhuma reunião, não sei de nenhuma decisão do governo, e sou tratada como uma adversária, de fato hoje eu me coloco na situação de oposição a esse governo que está aí, porque aquele programa de governo que foi discutido durante a campanha, não está sendo cumprido e várias ações que o governo adotou, meu partido não concorda, nem eu, como por exemplo terceirização de saúde e educação, que eu acho que são dever do estado, ambas as funções, ambas as áreas, digamos assim, então hoje, eu não tenho nenhuma afinidade política com esse governo, mas estou lutando sempre pelo direito de exercer o mandato pro qual eu fui eleita, de vice-prefeita (E3).

Eu tive um, que seria hoje um PAC, não é... eu não fui casada na igreja, nem no civil, mas tinha uma relação estável com uma pessoa, que durou 25 anos, não tivemos filhos nessa relação, mas então tudo isso nesse período, havia sim uma certa restrição de pessoas que me olhavam de outra maneira como se eu tivesse tirado alguém de alguém, coisa que isso não existe, no mundo as pessoas vivem com quem querem, trocam de parceiros no momento que querem, nesse sentido eu posso dizer que nunca dei importância, mas claro que eu sentia que havia uma certa limitação dos outros em relação a opção que eu fiz da própria vida, isso aí claro que deve ter ocorrido sim (E4).

Em relação os desafios e conquistas, os dados evidenciam que estas mulheres em meio a todas as dificuldades profissionais e sociais, como por exemplo, ser vista como uma pessoa estranha por ir morar e estudar sozinha em outro país, ser impedida de exercer seu cargo e ser vista como parte de um sistema político vergonhoso, elas buscaram elaborar políticas ou projetos para ajudar outras mulheres.

A E3 ajudou a reorganizar seu partido e criar uma secretaria em nível municipal, estadual e nacional. Porém, segundo Paula (2013) as conquistas e progresso das mulheres

muitas vezes não eliminam a discriminação e o preconceito contra elas. Neste sentido, as demais também possuem projetos interessantes voltados para as mulheres, mas quando questionadas sobre quais as maiores conquistas e desafios, as mesmas não falaram de seus projetos e/ou de suas conquistas, isso pode se dar pelo fato dos desafios serem mais marcantes em suas carreiras.

Eu venho de uma geração em que tudo era mais difícil, antes de, digamos assim, de uma revolução sexual, que hoje nós não temos mais no momento, então a mulher ela era muito vista assim quase como um comprimento profissional da vida, digamos, no caso se fosse casada, da vida do homem. Hoje isso aí já caiu muito, no meu caso pessoal por exemplo, quando eu fui pra Europa eu era vista assim como algo muito estranho, bizarro, diferente, porque estava indo sozinha pra Europa com uma bolsa de estudos pra estudar, o que não era comum (E4).

Eu acho que o grande feito da minha vida foi ter criado a secretaria de mulheres no PSB, em 98... em 97 nós reorganizamos o PSB em Livramento, criamos a secretaria de mulheres aqui, em 98 criamos a secretaria de mulheres em nível estadual, eu fui a primeira secretária, e em 99 nós constituímos a secretaria nacional e eu também fui a primeira secretária nacional de mulheres do PSB, e fui por 3 gestões. O que que resultou nisso, né? Resultou uma maior presença de mulheres na direção do partido, nas candidaturas, e principalmente a assimilação de que todo gestor do partido, todo mandatário do partido, seja do executivo, do legislativo, tem que fazer política pra mulheres (E3).

Eu sempre exerci por exemplo, fora o magistério, eu fui presidente das mulheres de negócios, mas eram tudo vínculo ligado a mulher, e realmente tu consegue te realizar como pessoa, como mulher, como liderança que tu acaba sendo e de trabalho, por ser mulher acho que as pessoas te valorizam, eu recebi vários títulos, no dia da mulher, pelo trabalho executado, tanto como profissional na área da educação, quanto na área de empresárias (E1).

Eu tenho alunos de Relações Internacionais que fazem intercâmbio, que passam temporadas, 6 meses ou mais, 1 ano, estudando no exterior, eu acho isso simplesmente fantástico, na minha época havia o problema da restrição, digamos assim, familiar e também do ponto de vista de ser vista assim pela sociedade como alguém que tava dando um passo que não era muito bem visto, porque ia enfrentar um outro mundo, uma outra realidade, sendo solteira, sendo jovem, sendo sozinha, então tudo isso... e principalmente eu, que morei 3 anos na Austrália, e lá eu optei pela maternidade, então lá eu me tornei mãe solteira, então numa época em que nada era tão fácil como... como hoje, eu diria que eu fui no caso uma mulher de vanguarda, na época em que vivi (E4).

Eu creio que não tá relacionada ao fato de eu ser mulher, mas dificuldade no sentido da área política, eu tive e creio que no próximo ano terei mais, pelo próprio sistema, que é um sistema político vergonhoso, que hoje nós vimos, então ficou manchado, muitas vezes se chegava lá num lugar, você ouvia muita coisa que não queria ouvir, então a maior dificuldade é você chegar e bater na porta de uma casa, o boca a boca, o corpo a corpo, é a maior dificuldade (E2).

A maior dificuldade é estar vice-prefeita de Santana do Livramento. Esse período aqui é o meu período profissional menos produtivo, eu acho, não por meu desejo, mas porque me foi imposto, foi uma escolha errada, todo mundo pode errar, eu fiz a escolha errada nessa aliança, e estou desde 2017, começo de 2018, sem produzir aquilo que eu poderia produzir pela cidade (E3).

Os dados revelaram que as entrevistadas acreditam que existem diversos benefícios na presença das mulheres na política municipal, mas não só na municipal, elas acreditam que as mulheres deveriam ocupar postos na política como um todo. As entrevistadas acreditam

que as mulheres possuem uma visão diferente, um olhar mais fraterno, amoroso, além de serem mais capacitadas, já que segundo Barreto (2014) os indicadores apontam que as mulheres estão em maior número em diversos níveis educacionais, inclusive nas universidades.

Destaca-se a partir desta pesquisa que mulheres se envolvem menos em corrupção, do que os homens e conhecem os problemas da sociedade porque são elas, em sua maioria, que os vivenciam. A única entrevistada que discorda em parte com as demais é a E2, que é uma pessoa religiosa, por isso acredita que as mulheres precisam dos homens para que a política seja melhor, pois segundo ela os dois se complementam, porque Deus os fez assim.

Nós somos a maioria da população, a maioria do eleitorado, e somos mais capacitadas, nós somos a maioria nas universidades, não quer dizer que a gente seja mais inteligentes, mas somos capacitadas, porque somos a maioria nas universidades, então a mulher ela tem um olhar que faz falta na política, tem um ditado que diz que quando a mulher entra na política não é a mulher que muda e sim é a política, porque a mulher tem um olhar diferenciado, nós não somos iguais aos homens, nós somos diferentes, o que nós queremos é oportunidades iguais (E3).

Eu acho que é importante que a mulher leve sua visão, seu conhecimento pra Câmara municipal (E1).

Mulheres não se envolvem em corrupção, isso não sou eu que to dizendo, os dados comprovam, a própria operação lava jato, tu não conta nos dedos de uma mão as mulheres que foram... digamos que se envolveram em corrupção no país, então a população começa a perceber isso, e eu acho que isso é positivo, que haja uma mudança, afinal de contas os homens governam esse país a mais de 500 anos e nós chegamos onde chegamos, então está na hora de dar oportunidade às mulheres, para que a gente faça diferente, pra que a gente faça pela cidade conhecendo os problemas da cidade, são as mulheres que vivem os problemas da saúde, porque são elas que levam seus filhos na consulta, em sua grande maioria, são as mulheres que vivem os problemas da educação, porque são elas em sua grande maioria que cuidam da educação dos filhos, são as mulheres que conhecem os problemas dos bairros, porque são elas que transitam nas ruas, enfim, que vivem esse cotidiano, elas administram a casa então elas sabem da carestia, hoje nós somos 38% chefes de família na sociedade brasileira, nós somos as maiores vítimas de violência, então nós sabemos desse problema, nós temos vários problemas de saúde, então a gente sabe também dessa necessidade, e é preciso que esse olhar venha pra dentro da política, se a mulher quiser ela muda, porque ela é maioria, na população e nos eleitores, então o poder tá na nossa mão (E3).

Eu vejo que há vantagem não só na política municipal, mas na política em âmbito nacional, há uma necessidade de se ter a presença feminina, da mulher, porque como eu digo a mulher ela tem um lado emocional, ela tem uma sensibilidade que muitas vezes o homem não tem, e eu até vejo assim, a visão da mulher nunca vai ser a visão do homem, até as vezes eu brincando digo assim ó: Deus é perfeito, se não ele fazia só o homem, não precisava mulher, tu não precisa, ou no caso contrário, só tinha mulher e como às vezes há um feminismo tão grande, que eu digo então tem que existir só mulher, homem não precisava. Não, mas Deus fez tudo perfeito, pra que se tiver acordo entre os dois tudo se pode, tudo se consegue, mas aí há uma dificuldade nessa diferença, essa briga né, do homem e da mulher, mas eu creio que a mulher ela é diferenciada nesse sentido (E2).

Eu acho que não é só na política municipal, eu acho que a política de uma maneira geral precisa das mulheres, precisa do nosso olhar, e da nossa forma de fazer política, eu acho que isso não só se refere a política municipal, talvez a gente tenha uma política mais fraterna, mais verdadeira, com mais transparência nas relações, com mais eficiência na execução da política, eu acho que isso desrespeito ao município, mas também desrespeito a política como um todo (E3).

Contudo, apesar de todos os entraves que as mulheres enfrentam desde seu ingresso em um cargo público, quando elas alcançam um cargo de liderança e podem fazer a diferença, elas criam políticas para auxiliar outras mulheres. Os dados mostram que existem diversos projetos que foram feitos pelas entrevistadas, para o benefício da população, em especial da população feminina. Neste sentido, Correa, Czarneski e Cerqueira (2016) explicam que a representatividade da mulher na política a tornou um agente influenciador de projetos, questões econômicas, sociais e políticas.

Foram criados um centro de referência da mulher e um centro de planejamento familiar, além de projetos de prevenção a depressão e contra a violência doméstica. Também foram elaborados projetos para implementação de polos rurais de escolas municipais, ampliação da grade curricular do ensino fundamental com a inserção do espanhol, a organização da cadeia do leite e da cadeia do mel, entre outros projetos de grande importância para a comunidade santanense.

Um dos projetos que eu tenho, é um projeto que ontem eu ainda andava em Alegrete, sobre esse projeto, que é um projeto relacionado a prevenção da depressão, como eu tive depressão, em seguida que eu entrei eu fiz esse projeto. Outro projeto é contra a violência doméstica e familiar, também. Outro projeto é em relação da parte de um... como é que se diz? Uma solenidade no calendário de eventos, relacionado a semana do evangélico, é outro (E2).

Eu fui secretária da educação durante 4 anos, naquela época se fez uma série de realizações, de mudanças significativas, como a implantação dos polos rurais, do idioma do espanhol que foi um projeto pioneiro, praticamente em toda região limite, em toda região de fronteira, nós incluímos o espanhol como um ensino de idioma na grade curricular, a partir dos anos... deixa eu ver que eu tô meio perdida... de 89 eu acho que foi, 88/89, ampliamos as sedes, então a maioria das nossas escolas hoje são de ensino completo, de ensino fundamental (E4).

O centro de referência da mulher, o centro de planejamento familiar, o PAISME foi um trabalho realizado por mim, voluntariamente na gestão do PSB, a questão da cadeia do leite, fui eu que busquei esse recurso pra cidade. O centro de inclusão digital, a organização da cadeia do mel também foi um recurso que foi buscado por mim, a recuperação do parque, a sala do investidor, esse programa de educação ambiental, que foi aprovado no conselho do meio ambiente, enfim, tem dezenas de coisas assim (E3).

Os dados apresentaram os mais diversos tipos de preconceito, dos mais comuns aos mais inimagináveis, porém, também foram evidenciados os benefícios da presença feminina no setor público e na política, sendo assim, elencou-se diversos motivos para que as mulheres sigam lutando para uma gestão melhor e não se deixem calar pela discriminação e pelo preconceito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou investigar os desafios e adversidades enfrentadas pelas mulheres no ingresso e na ocupação de cargos na Gestão Pública municipal de Santana do Livramento/RS. Pelos relatos das entrevistadas, percebeu-se que existem alguns desafios para se chegar aos cargos de liderança, mas que para permanecer nos mesmos é preciso enfrentar obstáculos bem maiores, como a discriminação e o preconceito.

As formas de ingresso destas mulheres estão divididas entre indicação e votação. As mesmas enfrentaram alguns desafios para ingressar nestes cargos, como enfrentamento do preconceito e o julgamento popular do sistema político manchado pela corrupção. Se no ingresso destes cargos já existem desafios, para permanecer neles os desafios são bem

maiores. Essas mulheres passaram e passam por situações bastante difíceis, uma delas sofreu preconceito pelas escolhas pessoais que fez, e outra sofre constantes tentativas de constrangimento, com o intuito de que ela deixe seu cargo.

A maneira que cada entrevistada percebe e encara as adversidades que as cercam é característica de cada uma, enquanto algumas identificam e lutam contra as várias formas de preconceito exercidos contra elas, outras usam a fé para cobrir os olhos e optam por não perceber estas adversidades. Constatou-se também, que a proporção da discriminação depende do setor em que cada uma das entrevistadas atua. No setor da educação e saúde, por exemplo, que é vista como uma área feminina a discriminação é menor, já nas áreas políticas ela tende a aumentar.

Com relação aos servidores concursados das secretarias municipais, percebe-se que até mesmo em áreas “tachadas” como femininas, como saúde e educação, a presença dos homens é predominante, o que contrapõe a realidade, já que as mulheres são a maioria nas universidades, sendo assim, mais capacitadas. Neste sentido, entende-se necessária a realização de pesquisas pautadas pela investigação da causa da baixa participação feminina em cargos com ingresso a partir de concursos públicos municipais.

Segundo Couto (2012), mesmo a mulher tendo conquistado o direito de votar e ser votada em 1932 a participação dela na política tem sido inexpressiva até os dias de hoje. Cenário este que se comprova em Santana do Livramento. Mesmo tendo mulheres lutando para demonstrar suas capacidades, parece que a população santanense é retrograda e não acredita na competência das mulheres, já que elas nunca ocuparam o cargo de prefeita e no poder legislativo a presença feminina é extremamente baixa.

Esta pesquisa oferece contribuição prática para os gestores públicos municipais, possibilitando perceber e analisar possíveis falhas em alguns setores. Pretende-se que a pesquisa exponha os desafios e entraves e, deste modo, auxilie para que as servidoras públicas municipais tenham um ambiente de trabalho adequado. Busca-se com esta pesquisa a conscientização de que a mulher é capacitada como qualquer outra pessoa e, deste modo, merece respeito no seu ambiente de trabalho e na vida.

Do ponto de vista da contribuição teórica, esta pesquisa possibilitou demonstrar resultados de um assunto atual e pouco pesquisado, além de proporcionar um olhar sobre as experiências das mulheres que exercem cargos de poder no setor público. Teorizar sobre a aplicabilidade de tais conceitos propiciam um olhar sobre a situação da mulher na sociedade e a superação da desigualdade entre os gêneros.

Por fim, a presente pesquisa limitou-se à gestão pública municipal e à percepção das entrevistadas, ou seja, delimita-se às experiências e interpretações destas mulheres. Sugere-se a realização de pesquisas mais aprofundadas acerca da temática abordada. Julga-se relevante expandir o universo de investigação para confrontar as ideias e colher uma percepção mais aprofundada sobre a atuação feminina na gestão pública.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Aparecida Azevedo; MEIRELLES, Raquel de Lima. Mulheres e homens em ocupação de cargos de direção e assessoramento superior (das) na carreira de especialista em políticas públicas e gestão governamental (EPPGG). 2012. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1797.pdf>. Acesso em: 24 maio 2019.

ARAÚJO, Ione Maria Santos de. **Gestão Executiva Feminina: Inovações e Permanências**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade

- Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/3001/1/IONE_MARIA_SANTOS_ARAUJO.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- BARRETO, Andreia. **A Mulher No Ensino Superior: Distribuição E Representatividade**. 2014. Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil. Disponível em:
<http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.
- BARROSO, Carmen. **As mulheres nos altos escalões da administração pública no Brasil**. Revista do Serviço Público, Brasília, v. 1, n. 66, p.145-160, 2016. RSP Revisitada. Disponível em:
<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/2103/1/RSP%20Revisitada_As%20mulheres%20nos%20altos%20escal%C3%B5es%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%BAllica%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2019.
- BOTELHO, Louise Roedel de Lira; SCHERER, Luciana. **Mulheres no comando da gestão pública municipal na região das Missões**, 2016. VIII Simpósio Iberoamericano em comércio internacional, Desenvolvimento e integração regional. Disponível em:
<<https://www.ufs.edu.br/campi/cerro-largo/repositorio-ccl/anais-viii-simposio-iberoamericano-de-cooperacao-para-o-desenvolvimento-e-a-integracao-regional/mulheres-no-comando-da-gestao-publica-municipal-na-regiao-das-missoes>>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- CARVALHO, Rutineia Oliveira. **Sociedade, Mulher e Profissão**. 2016. Revista de Gestão e Secretariado- GeSec. Disponível em:
<https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/396/pdf_1>. Acesso em: 24 mai. 2019.
- CINTRA, Soraia Veloso. **Os desafios da gestão feminina no setor calçadista de Franca (sp) sob o olhar do serviço social**. 2011. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106127/cintra_sv_dr_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- CLICK RBS. Grupo RBS. **2004 - Rio Grande do Sul - Santana do Livramento**. 2004. Disponível em:
<<http://clicrbs.com.br/eleicoes2008/apuracao/1turno/apuracao.htm%201?abrangencia=RS&municipio=88455>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- _____. **2008 - Rio Grande do Sul - Santana do Livramento**. 2008. Disponível em:
<<http://clicrbs.com.br/eleicoes2008/apuracao/1turno/apuracao.htm%201?abrangencia=RS&municipio=88455>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- CORRÊA, Tamiris Tarouco; CZARNESKI, Flavia; CERQUEIRA, Lucas Santos. **Mulheres no poder: uma análise dos desafios enfrentados no acesso e gerenciamento na Prefeitura municipal de Rio Grande-RS**. 2016. Disponível em:
<<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/159>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- COUTO, Priscilla Alves Juvino. **Mulheres e política: percepções e atuação política das vereadoras de Campos dos Goytacazes**. 2012. Monografia (Especialização) - Curso de Sociologia Política, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2012. Disponível em:
<<http://uenf.br/posgraduacao/sociologia->

<politica/wpcontent/uploads/sites/9/2013/03/DISSERTA%C3%87%C3%83O-PRISCILLA-A.-JUVINO-COUTO.pdf> >. Acesso em: 24 abr. 2019

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. Metodologia, método e técnicas de pesquisa. In: DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ELEIÇÕES 2012. 2012. Disponível em: <<http://www.eleicoes2012.info/candidatos-vereador-santana-do-livramento-rs/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ELEIÇÕES 2016. 2016. Disponível em: <<https://www.todapolitica.com/eleicoes-2016/%20candidatos-vereador-santana-do-livramento-rs/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p.47-71, 2004. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21692.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2019.

FIRMINO, Camila Rocha; SILVA, Filipe Hagen E. da; VIANA, Pedro Henrique de Pina Cabral. **Desigualdades de gênero no serviço público federal**, 2015. VIII Congresso CONSAD de Gestão Pública. Disponível em: <http://www.escoladegestao.pr.gov.br%20/arquivos/File/2015/VIII_Consad/008.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FLORENTINO, Karoline. **Representatividade das mulheres na política**. 2018. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mulheres-na-politica/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GROSSI, Míriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. **Transformando a diferença: as mulheres na política**. Estudos Feministas, [s.i], v. 9, n. 1, p.167-206, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8609.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2019.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. Sant'ana do Livramento. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/panorama>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

_____. Sant'ana do Livramento. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santana-do-livramento/panorama>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

KURZAWA, Luciane Lima Peres. **O Papel da Mulher na Gestão Pública**. 2003. Disponível em: <<http://arq.sefaz.ms.gov.br/age/artigostec/artigoluciane.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LISBOA, Teresa Kleba. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais**. Tese (Doutorado) - Curso de St 11 – Exclusão Social, Poder e Violência, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2019.

- MARIELLE FRANCO: Quem é Marielle? 2018. Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política: Uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MONTEIRO, Helena Maria Diu Raposo. **Mulher, trabalho e identidade: Relatos de mulheres em cargos de poder e prestígio sobre suas trajetórias profissionais**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17313/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Helena%20Maria%20Diu%20Raposo%20Monteiro%20%280%29.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- MONTESANTI, Beatriz. **Mulheres são 15% do novo Congresso, mas índice ainda é baixo**. 2018. UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/08/mulheres-sao-15-do-novo-congresso-mas-indice-ainda-e-baixo.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- PAULA, Andressa Bauermann de. **A Participação de Mulheres em cargos de chefia**, 2013. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94982/000915109.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- PORTAL DA TRANSPARÊNCIA SANTANA DO LIVRAMENTO. 2019. Disponível em: <http://transparencia.sdolivramento.com.br/folha_pagamentos/>. Acesso em: 08 set. 2019.
- ROCHA, João Maria da Silva. **A participação das mulheres na administração das empresas: “O Teto De Vidro”**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Curso de Auditoria, Instituto Superior de Contabilidade, São Mamede de Infesta, 2013. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/4525/1/DM_Jo%c3%a3o%20Rocha_2013.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2019.
- SAMPAIO, Jéssica de Martins; PAULA, Mariane Ferreira Pinto de; MIRANDA, Adílio Renê Almeida. MULHERES NA POLÍTICA: UM ESTUDO NA CÂMARA MUNICIPAL DE UMA CIDADE DO SUL DE MINAS GERAIS. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.85-97, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45732>>. Acesso em: 23 out. 2019.
- SAMUEL, Felipe. RS é o segundo Estado com menor percentual de prefeitas. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 1-1, 2018. Disponível em: <<https://correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/7/655426/RS-e-o-segundo-Estado-com-menor-percentual-de-prefeitas>>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- SANTOS, Bruno Carazza dos. **5 dados sobre a participação das mulheres na política brasileira**. 2017. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/participacao-das-mulheres-na-politica-brasileira/>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p.35-50, 2004. Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Fernanda Borges da. **Desafios das mulheres em cargos de liderança**. 2017. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2017. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1962/1/2017FernandaBorgesdaSilva.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; SAMPARO, Ana Julia Fernandes. **Os direitos da mulher no mercado de trabalho**: da Discriminação de Gênero à Luta Pela Igualdade. Direito em Debate: Departamento de Ciências Políticas e Sociais da Unijuí, Ijuí, p.287-325, 4 out. 2017. Disponível em: <<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/7233>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SOUSA, Priscilla Felipe de; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; BINOTTO, Erlaine. **Liderança feminina na gestão pública**: um estudo de caso da universidade do estado do Rio Grande do Norte. 2011. Enegep. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2011_tn_stp_141_893_18429.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

TSE, Tribunal Superior Eleitoral (Org.). **Eleições 2018**: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno, 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

_____. **Número de mulheres eleitas em 2018 cresce 52,6% em relação a 2014**, 2019. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2019/Marco/numero-de-mulheres-eleitas-em-2018-cresce-52-6-em-relacao-a-2014>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

_____. **Semana da mulher**: participação feminina na política brasileira cresce ao longo do tempo, 2013. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2013/Marco/semana-da-mulher-participacao-feminina-na-politica-brasileira-cresce-ao-longo-do-tempo>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

URUGUAY. INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. . **Censos 2011**. 2011. Disponível em: <<http://www.ine.gub.uy/web/guest/censos-2011>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

APÊNDICE A
ROTEIRO PARA COLETA DE DADOS
Adaptado de Cintra (2011), Araújo (2013), Paula (2013), Monteiro (2015).

1. Idade: _____
2. Estado Civil:
() casada () solteira () divorciada () outros _____
3. Escolaridade:
() 1º grau (ou ensino fundamental)
() completo () incompleto
() 2º grau (ou ensino médio)
() completo () incompleto
() Superior
() completo () incompleto
Curso: _____
4. Sua formação escolar básica (ensino médio) ocorreu predominantemente em:
() Escola Pública () Escola Privada () Pública e privada (50% em cada)
5. Cargo atual: _____
6. Tempo de emprego: _____
7. Tempo na função: _____
8. Existem pessoas trabalhando sob seu comando?
() Sim () Não Se sim, quantas? _____
9. Você tem filhos?
() Sim. Quantos? _____ () Não
10. Na sua residência quem é o principal responsável pelas atividades domésticas?
11. Fale-me sobre a sua trajetória de vida profissional.
12. Quais características você considera fundamentais para exercer um cargo de liderança?
13. Você já sofreu algum tipo de discriminação durante o exercício do seu cargo pelo fato de ser mulher? Comente.
14. Quais foram as maiores conquistas e desafios em sua carreira profissional? Estas conquistas/desafios estão relacionadas ao fato de você ser mulher? Explique.
15. Quais os desafios enfrentados pelas mulheres para atingir a liderança? Comente.
16. Há diferenças entre a gestão masculina e a gestão feminina? Fale a respeito.

17. Existem políticas internas que visam a promoção da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens? Quais são?
18. Você acredita que os homens e as mulheres são tratados igualmente no setor público? Comente.
19. Atualmente, quantas mulheres trabalham no mesmo departamento que você? Quais cargos elas ocupam?
20. O que você acredita que aumentaria o número de mulheres na gestão pública municipal? Por que?
21. As mulheres geralmente são encarregadas das atividades domésticas e do cuidado dos filhos, mesmo quando isso é compartilhado com outras pessoas a responsabilidade é da mulher. No exercício de um cargo de gestão as responsabilidades e conseqüentemente a dedicação exigida para o trabalho aumentam e muitas mulheres ficam divididas entre dedicação à carreira e vida pessoal. Comente sua experiência a esse respeito.
22. Existem documentos, reportagens sobre projetos que são ou foram desenvolvidos em prol da comunidade? Quais? Poderia disponibilizá-los para análise?
23. Na sua opinião, quais são as vantagens/benefícios da presença feminina na política municipal? Por que?